



DIAS ÍNDIOS, POR FÁBIO RIBAS

Debora Larissa Rempel¹

RIBAS, Fábio. *Dias índios*. [s.l.]: [s.n.], 2022. 276 p.

Trabalhar entre povos não alcançados é, sem dúvida, um grande passo para fora da zona de conforto. Quem se propõe a ler relatos de missionários atuantes entre indígenas muito provavelmente será sensibilizado para a necessidade de redenção de pessoas por meio do Evangelho. Obstáculos dos mais diversos pululam no contexto das comunidades indígenas, em contraste com a facilidade de acesso à igreja e ao Evangelho com que muitos leitores estão acostumados no meio urbano. Entretanto, o desejo de que pessoas sejam libertas da opressão de um mundo em trevas arde no coração daqueles que arriscam suas vidas no campo missionário. Especialmente em culturas animistas, como as indígenas, as implicações espirituais desse modo de viver e crer formam uma teia espessa através da qual o missionário se embrenha levando a luz de Cristo. Esse desafio foi assumido por Fábio Ribas juntamente com sua esposa e duas filhas, narrada no livro “Dias Índios”, que representa uma coletânea de cartas missionárias escritas durante o trabalho entre indígenas na região do Xingu.

Professor de formação, Ministro da Igreja Presbiteriana Nacional, Fábio Ribas vem trabalhando com povos indígenas desde 2006. Em sua obra, Fábio narra que o primeiro contato dele e de sua esposa Lucila com a aldeia onde posteriormente atuariam, intermediado pela Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), se deu em 2007. Essa viagem, realizada discretamente, sem conhecimento da igreja que o casal pastoreava, foi seguida de situações que mostraram a clara direção de Deus. Por vezes o caminho foi árduo, sendo acompanhado de contratempos e dilemas, mas, como o leitor perceberá, Fábio narra os acontecimentos no campo com muita emoção, franqueza e humor. Ao

¹ Possui bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor – Inglês pela Unesp/São José do Rio Preto. Traduziu “Dias Índios” para o inglês. Desde 2016, exerce o cargo de 1ª Secretária na Associação Transcultural Evangélica, sediada em Valinhos/SP, que presta apoio a missionários entre indígenas e ribeirinhos na América Latina e em nações na Europa.

concluir a leitura, a gratidão e o louvor a Deus expressos em diversos momentos ainda continuam ecoando. Nas palavras de Fábio: “DIAS ÍNDIOS foi parte de um tempo sonhado e planejado por Deus. Um tempo que, se Deus ainda quiser, vai prosseguir sempre para a glória dele” (p.104).

O leitor perceberá logo de início a importância que a família de Fábio teve no cumprimento do chamado missionário. Nos primeiros dias, quando Fábio ainda estava sozinho no campo, foi a certeza da resposta de oração expressa por sua filha Takitakinalo que o reconfortou após quase pisar em uma cobra, no capítulo “Deus realizou um grande milagre”. Em “Estas minhas missionariazinhas”, a filha caçula Hótoto tomou a dianteira da apresentação do Evangelho ao espontaneamente mostrar sua Bíblia infantil a indígenas do povo entre o qual trabalhavam. A sabedoria de sua esposa Lucila, por sua vez, em diversos momentos lhe ajudou a organizar os pensamentos, a exemplo da história no capítulo “A morte visita a aldeia”. Juntos, os quatro compunham uma verdadeira equipe missionária, cada qual contribuindo para a construção de confiança e relacionamento com a comunidade da aldeia. Por um bom tempo, Fábio e Lucila foram sobretudo observadores e ouvintes, buscando conhecer a cultura e esperando o momento certo de compartilhar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, que vai na contramão do animismo, um sistema sacramental, que se manifesta de diversas formas ao longo das narrativas de “Dias Índios”: pajelança e oferendas, veneração dos mortos e de espíritos protetores. A Dra. Francis Blok Popovich, que traduziu a Bíblia para os Maxacalis de Minas Gerais, sintetiza muito bem as experiências tais como vivenciadas por Fábio no campo missionário entre os Ka:

O Deus da tradição indígena só se envolvia com os seres humanos na era mitológica. Cada tradição tem uma maneira de explicar o afastamento dele. Ele não é alvo de rituais, porque nos tempos atuais ele não mantém nenhum contato com os seres humanos. Conforme as crenças indígenas, são os espíritos que controlam e dominam a natureza. Para conseguir a subsistência e garantir a saúde, é preciso manipular e agradar as diversas categorias de seres menores que controlam o meio ambiente.²

A tendência de povos indígenas que já tiveram algum contato com igrejas evangélicas é de confundir a figura de Jesus Cristo com um espírito poderoso, chegando a identificá-lo com uma figura mitológica de sua própria cultura. Esse sincretismo pressupõe um desafio para a tradução da Bíblia. Quando Fábio e Lucila, após algum tempo lecionando os indígenas e convivendo com eles, ousaram solicitar à comunidade ajuda para elaborar uma tradução da Bíblia, eles

² POPOVICH, F. As Crenças e a Religiosidade Indígenas. In: *Missões e a Igreja Brasileira*. Vol. 4. Org. C. Timóteo Carriker. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 42.

receberam ajuda de um indígena falante de português que havia estudado fora da aldeia. Iniciou-se então o projeto ao qual haviam se proposto, com conversas para se chegar a uma tradução adequada que por vezes se estendiam por semanas. A linha entre adaptação cultural e fidelidade teológica é tênue, de modo que, em diversos momentos, Fábio precisava questionar o sentido mais profundo da palavra sugerida pelo indígena para a tradução, o que levava a diálogos interessantes, como, por exemplo, no capítulo “A 1ª oração”, em que ele procura elucidar para o seu tradutor indígena a diferença entre uma reza do pajé e uma oração do crente, usando como exemplo a oração de Jonas.

As cerca de 60 histórias compartilhadas em Dias Índios trazem questões das mais diversas, culturais, sociais e teológicas. Por se tratar de cartas, efetivamente, tem-se a impressão de juntamente com Fábio Ribas explorar o próprio campo missionário. Apesar de ele tratar sem rodeios de tabus e polêmicas, o tom adotado é esperançoso. Percebe-se o amor e a compaixão pela sua comunidade indígena brotarem ao longo da trajetória. Como mencionado, é significativo o fato de os Ribas terem ido ao campo missionário em família, o que os colocou diante de decisões comuns a outros missionários aspirantes ou no campo, observando-se o zelo do casal pela sua família. Assim, esta leitura poderá proporcionar pontos de identificação a casais de missionários e igrejas e missões apoiadoras. Ao embarcar com os Ribas nesta jornada familiar, arrisco dizer que, além de instrutivo, este livro dará ao leitor o prazer de ler e relê-lo.